



**J**ORNADAS  
DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E  
HUMANÍSTICOS  
DE PARINTINS

**ANAIS**

**UEA-UFAM**  
**Latinitates**

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>  
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
<https://www.facebook.com/latinitates/>  
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho  
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste  
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0  
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2022

essa vontade tornará o homem livre, mas que pode utilizá-la tanto para o bem quanto para o mal. Em outros termos, Deus deixa o ser humano livre para possa fazer suas escolhas, estando ciente de suas ações e das possíveis consequências fruto de suas vontades. Portanto, para os cristãos, a liberdade em Cristo consiste em manter-se no caminho da retidão, aceitando a graça divina em detrimento da sua própria vontade humana.

### REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- A. E. Santo (2002) «Imagens do Amor em Santo Agostinho» **HVMANITAS LIV** p. 101-113.
- A. Ricci (1984) **Santo Agostinho, De Magistro** (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- J. P. Castro (2007). **Bíblia Sagrada**. O.F.M. São Paulo.
- E. P. Scarpin (2007) **O conceito de liberdade humana em O Livre Arbítrio de Santo Agostinho**. Santa Maria. Faculdade Palotina (FAPAS).
- J. O. Santos. A. A. de Pina (1973) **Santo Agostinho, Confissões**. São Paulo: Abril.
- M. R. N. Costa (2012), “O livre-arbítrio, segundo Santo Agostinho: um bem ou um mal”, **Ágora Filosófica** 1 89-110.
- N. A. Oliveira. (1995) **Santo Agostinho, O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus.



### O CANTOR DE (MAIS) UM POVO EXTINTO: DO ÚLTIMO TUPI AO ÚLTIMO ABENCERRAGEM E A CONQUISTA DE ESPANHA

Weberson Grizoste [CESP-UEA]

Gisely Garcia Lima [CESP-UEA]

**Resumo:** *O presente artigo é de caráter bibliográfico e objetiva analisar as influências de Chateaubriand e Swinburne junto à concepção de Gonçalves Dias enquanto cantor de um povo extinto, dessa vez com a “americanização” da nobre linhagem norte-africana que governou Granada durante a época dos Nasridas: do último tupi (em I-Juca Pirama) ao último abencerragem de Chateaubriand e menções a Swinburne.*

**Palavras-chave:** Influência; Chateaubriand; Swinburne; Gonçalves Dias.

Os princípios da Poética Americana fundam-se na figura desconstruída e reconstruída pelo imaginário europeu de um indígena, ora selvagem e canibal, ora um *Bom Selvagem* nos moldes do folclore europeu (GRIZOSTE, 2013, 63-74).

Gonçalves Dias forja um indígena paradoxal. Para uns, trata-se de um indianismo artificial e europeizado; para outros, há uma certa originalidade atribuída ao contato direto que o poeta tivera com os indígenas de sua terra. Não descartamos as influências pré-Coimbra, mas apontamos que o seu indianismo é anterior às viagens à Amazônia e que há certas características Tupis em Timbiras tiradas das leituras dos cronistas e inclusive comprovamos que “Alkindar, Jeppipó, Ipperu e Konian são nomes com erros gráficos que Hans Staden cometeu no seu livro *Viagem ao Brasil*” (GRIZOSTE, 2013, 127, 181).

Já apontamos algumas influências de Chateaubriand no indianismo de Gonçalves Dias. Os manitôs, por exemplo, são uma importação do francês (GRIZOSTE, 2013, 206). Nesta ocasião, comprovaremos que Gonçalves Dias transporta a influência de Chateaubriand para além do seu indianismo e funda parte de sua dramaturgia num misto de pensamento americano ‘indianista’ e europeu. A visão do último tupi encontrado em *I-Juca Pirama* não é uma inovação gonçalvina, mas um pensamento de época. Fenimore Cooper já tinha celebrado *O último dos moicanos* em 1826; no mesmo ano, Chateaubriand publicara *O último Abencerragem*. Não satisfeito com o “último tupi”, o poeta da brasilidade celebrou o “último mouro” da Espanha em *Boabdil*. Se considerarmos que *Boabdil* é datado de 1850 (de abril), que *I-Juca Pirama* foi publicado no início de 1851 nos *Últimos Cantos*, é por obviedade fácil mensurar quanto é que este adjetivo esteve impregnado no imaginário do poeta. No fundo as histórias se repetem: o último troiano deu lugar ao primeiro romano; o último Abencerragem ao primeiro espanhol; o último tupi ao primeiro brasileiro.

N’Os *Timbiras*, Gonçalves Dias intitula-se a si próprio o “cantor de um povo extinto”. Neste sentido, o poema épico de 1857 é uma reafirmação do *I-Juca Pirama*. Se, em primeira mão, apontamos que o indígena gonçalvino tem um conceito de nobreza europeizado (GRIZOSTE, 2013, 227); em *Boabdil* perceberemos um caminho inverso de “americanização” da nobre linhagem norte-africana que governou Granada.

Segundo Eugenio Gomes (*apud* MENDES, 2014, p.16) é especificamente no poema *I Juca-Pirama* que o indígena brasileiro perde sua “selvaticueza”, pois aos Timbiras é atribuído um sentimento que jamais tiveram: a compaixão. Se os indígenas não eram capazes de tamanha generosidade, também não choravam diante da morte. A contradição do herói, como temos ressaltado, é a marca antiépica comum do indianismo gonçalvino. *I-Juca Pirama* tem dois tipos de lágrimas, do pranto ignóbil e do pranto de orgulho e alegria que não desonra (GRIZOSTE, 2011, p. 105-130). O último tupi de *I-Juca Pirama* traz as marcas de um rútilo bastante conhecido na literatura antiga – nos últimos versos da *Eneida* encontraremos Turno tão semelhante ao tupi, ambos reclamando à compaixão da velhice de seus pais e a diferença consiste-se que não encontraremos um troiano semelhante ao chefe Timbira (GRIZOSTE, 2013, p. 163).

Tão dúbio quanto o último tupi, é o último Abencerragem de Gonçalves Dias. Ao perceber a gravidade da invasão espanhola, o rei Boabdil, com o coração cheio de ódio e ciúme, tem a chance heroica de poupar a vida de Aben-Hamet para que se juntasse aos outros e lutasse em favor de Granada. Mas, a razão e o ciúme não andam juntos. Boabdil está preso no desejo de vingança – vingança torpe e cega. Por outro lado, o último tupi está preso ao desejo de viver e cumprir os desígnios filiais.

Eis o fardo de que dispõe o herói central de *I-Juca Pirama*: está incumbido de honrar a sua tribo, como o último guerreiro a morrer pela honra do nome dos Tupis. Ao passo que, ao morrer, viverá em nome da honra do seu povo. Mas também possui um fardo, está preso ao passado e é sua obrigação desprendê-lo de si (GRIZOSTE, 2011, p. 115).

Os heróis encontram-se diante de uma escolha difícil. Gonçalves Dias entrega ao leitor duas cenas com polos antagônicos. Não há como fugir da escolha, de um lado o último tupi precisa honrar sua tribo e morrer com dignidade como todos os seus antepassados e irmãos deixando sozinho seu velho pai ou resta chorar e implorar pela vida para que possa cumprir até o fim o seu dever de filho; do outro lado, Boabdil tem que decidir entre o sentimento do dever pátrio e o ciúme pela esposa. A vergonha da primeira escolha do último tupi é compensada por uma chance de regeneração, Boabdil não teve a

mesma sorte. Em *Boabdil* é possível que se aplique o que Franchetti (2007, pp. 65-66) aplicou ao *I-Juca Pirama*: “Gonçalves Dias constrói um herói sentimental, porque não assumiu convenções divinas para o herói, mas características puramente humanas” (cf. GRIZOSTE, 2011, P. 126). Em *I-Juca Pirama*, o velho pai ao perceber que o filho havia escapado das mãos dos Timbiras, alegra-se por imaginar que o mesmo teria resistido e vencido os seus rivais em batalha; no entanto, decepçiona-se ao descobrir que o filho tinha chorado diante da morte. São, provavelmente, as mais duras palavras de questionamento de um pai em toda literatura indianista:

“Tu choraste em presença da morte?

Na presença de estranho choraste?

Não descende o cobarde do forte;

Pois choraste, meu filho não és! (vv. 350-353)

Gonçalves Dias eleva o cenário de angústia ao extremo com um pai desapontado a expropriar seu filho pusilânime com as mais duras imprecações: a honra não pode estar abaixo do desejo de viver; mas o jovem tupi precisou ouvir isto de seu próprio pai para livrar-se das responsabilidades filiais. Temos neste quadro influência de Chateaubriand. É possível comparar a angústia do velho tupi com a angústia que Aixa, mãe de Boabdil, sentiu ao ver seu filho chorando ao abandonar Granada: “Chora agora como uma mulher um reino que tu não soubeste defender como homem!” (CHATEAUBRIAND, 2012, p. 1622).

Pesa-se ainda em Gonçalves Dias a influência de Chateaubriand no tocante ao fato religioso ou a representatividade de Deus ou do deus que cada um acredita. Muito das consequências viriam como forma de castigo. A religião indígena em Gonçalves Dias é uma inovação com roupagens cristãs, em parte influência desde os Jesuítas. “Os índios não prestavam orações aos deuses. O máximo que faziam era respeitá-los e sentir extremo temor pelo mal que podiam causar” (GRIZOSTE, 2011, p. 138).

Resta o temor do castigo vindouro, no pós-morte, pois o indígena consciente sabe que os heróis repousam no Ibaque, conhece a necessidade de um túmulo e das armas para servir-lhe no paraíso (*Os Timbiras* 4.30-36 cf. GRIZOSTE, 2013, p. 214). Ao velho tupi, Tupã reservara tamanho fado “já nos confins da vida” (*I-Juca Pirama*, vs. 399), ver o filho fugindo da morte. Em *Boabdil*, Aixa não aceita que o filho

mulçumano tenha escolhido uma mulher cristã para se casar; acredita, por isso, que uma força maior induz o destino do rei. São pais desapontados com a falta de compromisso com a religião de seus filhos. O canibalismo assume em *I-Juca Pirama* as feições religiosas denunciadas por muitos cronistas: a antropofagia se justificava não pela fome, mas pelas virtudes presentes nas carnes dos heróis – assim, o chefe Timbira recusa-se a derramar sangue ignóbil, pois os fortes Timbiras só de heróis faziam pasto.

As razões do choro do jovem tupi, como já dissemos, deviam-se ao sentimento de dever filial a um velho pai, cansado e cego às portas da morte. Em *Boabdil* um guerreiro também suplica pela vida, mas ao contrário do jovem tupi, as razões são mais nobres. Aben-Hamet sabe que não pode escapar da morte e nem se queixa do seu destino, antes quer alongar a vida para morrer no campo de batalha ou entregando-se ao rei após a vitória.

Swinburne retrata em sua obra *Viagens pela Espanha nos anos de 1775 e 1776*, uma disputa pelo poder e as várias mortes como consequência desta guerra. Dentre estas histórias, chega a Granada já então empossada pelos espanhóis. Swinburne descreve a fraqueza de um rei que permitiu, ou melhor, que causou a morte de inocentes para satisfazer o seu ego pessoal, simplesmente pela saciedade de sentir-se vingado. Gonçalves Dias em seus dramas, buscou fontes seguras e conhecidas de seus antecessores, segundo Giron (2004, p. XXVII-XXVIII) em *Boabdil* não foi diferente:

o drama andaluz-oriental inspirou-se na história do último sultão de Granada, tal como é narrada no livro *Travels through Spain 1775-1776* do escritor inglês Henry Swinburne (1743-1803), provavelmente por meio da tradução para o francês de J.B de Laborde, publicado em 1787. Extraíu material apenas indiretamente do romance *Les aventures du dernier Abencerrage* de Chateaubriand, publicado em 1826.

Como se vê, Swinburne também pode ter servido de fonte literário-histórica para Gonçalves Dias e Chateaubriand uma fonte de inspiração. Gonçalves Dias intitula *Boabdil*, Chateaubriand de *O último Abencerragem*, mas a fonte histórica é a mesma. O romance entre Branca e Aben-Hamet sofre poucas alterações em relação a Zoraima e Aben-Hamet. Em linhas gerais, o *Boabdil* de Chateaubriand não é diferente

do Boabdil gonçalvino. Por outro lado, o *Boabdil* é o mais indianista dos teatros gonçalvins – aliás, é o único com feições indianistas, posto que de “exotismos árabes pouco consistentes”, como dissera Pizarro (1970, p. 91). Ocorre que *Leonor de Mendonça*, *Patkull* e *Beatriz Cenci* são anteriores às poesias americanas, já *Boabdil* surge no mesmo ano em que os *Últimos Cantos* foram conduzidos à guisa para vir a lume no início de 1851. Em boa medida, Boabdil poderia ser uma personagem americana de *Os Timbiras*, pois enquanto sua terra era assaltada, preocupava-se com querelas maritais – não é diferente de Itajuba; por outro lado, Aben-Hamet nos lembrará o jovem tupi de *I-Juca Pirama* – não é capaz de fugir do destino. O lamento da “América Infeliz” (*Os Timbiras* 3.78-97) foi pressagiado nos últimos versos de *Boabdil* e sintetiza-se na última palavra de Aíxa, “insensatos”. De um lado os indígenas enastravam capelas para o vencedor ao invés de fabricarem tacapes; de outro, Boabdil mata seus próprios guerreiros por sede de vingança, abrindo o flanco para o vencedor. A ingenuidade, como observa Grizoste (2013, p. 65) é uma das marcas do indianismo:

Quando o colono miscigenado transformou-se no dono da terra, floresceu então a nostalgia de quando o índio era pintado sob duas caricaturas: uma bestial e ingênua e a outra bruta e selvagem. Basicamente, *ipsis litteris*, a sua brutalidade e selvageria converteu-se junto com a sua ingenuidade e bestialidade nos dons que a natureza lhes deu e que a colonização lhes havia tirado, é este o índio que apareceria em Chateaubriand, Fenimore Cooper, José Hernandez, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias.

Inegavelmente, a insensatez de Boabdil é um indício de ingenuidade. Assim, o cantor do último tupi e dos Timbiras, torna-se o cantor de mais um povo extinto. Chateaubriand também se deixara seduzir pelo mouro espanhol, mas ele era sobretudo um homem da Europa. Não nos esqueçamos, entretanto, que Gonçalves Dias, educado em Coimbra, é também filho de europeu (GRIZOSTE, 2013, p. 394). Ao cabo, a história se repetiu: a disputa entre as tribos americanas abriu espaço para o colonizador; a disputa pelo poder entre as tribos em Granada deu lugar aos espanhóis.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- F. R. Chateaubriand (2012). **Atala, René, As aventuras do último Abencerragem**. Kindle Edições Digitais.
- A. G. Dias (1998). **Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas**. Org. A. Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- A. G. Dias (2004). «Bobdil» in **Teatro de Gonçalves Dias**. Org. L. A. Giron. São Paulo: Martins Fontes.
- P. Franchetti (2007). **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. Cotia, Ateliê Editorial.
- W. F. Grizoste (2011). **A dimensão anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias**. Coimbra: CECH.
- W. F. Grizoste (2013). **Os Timbiras: os paradoxos antiépicas da Ilíada Brasileira**. Coimbra, FLUC (tese policop).
- M. A. C. N. Pizarro (1970). **Gonçalves Dias e o drama romântico**. Coimbra, M.A.C.N. (monog. policop.).
- H. Swinburne (1787). **Travels Through Spain in the Years 1775-1776**. London: Elmsly.

